

Os perigos da utopia

Larry Hufford*

Tradução: Eva P. Bueno

O tema da utopia tem um lado que eleva, e um lado sinistro. O lado que eleva é a idéia de ser parte de um movimento para nos livrar e aos outros da opressão e da injustiça. Isto é ao mesmo tempo algo que causa grande regozijo e que vicia. A parte viciante da utopia, no entanto, sempre acaba sendo o que supera o idealismo inicial. Por quê? Simplesmente porque os que acreditam na utopia inevitavelmente adotam uma imagem messiânica do mundo.

Já houve três revoluções messiânicas na histórica: a revolução americana, a francesa e a bolchevique. Todas as três foram globais porque seus líderes e seguidores estavam convencidos de que seus princípios fundadores eram universais. Os utópicos acabam ficando com a meta de converter o mundo, isto é, com a criação de um novo “homem” em uma escala global. Os fins nobres nunca são atingidos porque os meios se tornam diabólicos. A historiadora Barbara Tuchman escreve que “as revoluções produzem OUTROS homens, e não NOVOS homens.”¹

Albert Camus, o autor existencialista francês, viveu durante o período da ascensão de Hitler e do fascismo, do stalinismo e da turbulência na Argélia colonial francesa. Em seus escritos Camus assume que não há valores transcendentais; e ao mesmo tempo, ele não aceita uma filosofia de niilismo. Camus crê que o mundo pode e deve combater a opressão, o sofrimento e a tirania. Ele simplesmente opõe a revolução como um meio para alcançar este fim.

No seu livro *O rebelde*, Camus distingue entre um rebelde e um revolucionário. Uma pessoa vivendo no meio da opressão pode achar, de acordo com Camus, que a violência é necessária (quando tudo mais tiver falhado) para superar uma realidade desumana e intolerável. A rebelião é, nesta situação, justificada; a revolução não é. Em uma rebelião a meta imediata é terminar com a opressão específica, não, como em uma revolução, criar um “novo homem” com valores que sejam comuns no mundo inteiro.

Camus define a revolução e o uso da força para criar utopia como “o uso racional de terror para estabelecer uma justiça futura.”² Em *Noces e O mito de Sísifo*, Camus escreve que “a revolta é equilibrada pelo consentimento e pela compreensão de que o mundo não é completamente mau.”³ A revolução, por outro lado, começa com o consentimento mas se transforma em autoritarismo.

* Larry Hufford, Ph.D., é professor de Relações Internacionais na St. Mary’s University em San Antonio, Texas.

¹ Moyers, Vill. Entrevista com Barbara Tuchman. *A World of Ideas: Conversations with thoughtful men and women about American life today and the ideas shaping our future*. New York: Doubleday, 1989, p. 13.

² King, Adele. *Camus*. London: Oliver and Boyd, 1964, p. 29.

³ Ibid, p. 30.

As imagens de uma utopia são imagens criadas. É impossível falar sobre justiça e paz se uma pessoa não tem uma imagem de uma comunidade justa e de um mundo sem violência. O mito tem um papel importante na criação de imagens de utopia. A civilização ocidental começa com a imaginação hebraica do mito de Adão e o bem e o mal. Na seqüência, vem a imaginação helênica que inclui o mito de Prometeu, assim como o entendimento de Platão e Aristóteles sobre a imagem e o mito; depois a imaginação medieval se refere à síntese cristã feita por escritoras como Aquinas e Bonaventure; a imaginação transcendental estaria ilustrada nos escritos de Kant; a imaginação existencialista nos escritos de Kierkegard, Nietzsche, Camus e Sartre; a imaginação paródica seria encontrada nos trabalhos de Althusser, Foucault e Derrida; e, na nossa era pós-moderna, nos trabalhos de Beckett e Pynchon.

A nossa tarefa em transcender a era pós-moderna consiste em ver que a imaginação seja alimentada, mas não num sentido utópico. John Paul Lederach, um professor de Estudos de Paz no Kroc Instituto de Estudos da Paz na Universidade de Notre Dame, define a imaginação moral como “a capacidade de imaginar algo enraizado nos desafios do mundo real, e ao mesmo tempo [que seja] capaz de trazer à luz aquilo que ainda não existe.”⁴ Lederach usa o trabalho de Camus quando promove o uso da imaginação moral para criar uma justiça e paz maiores através da filosofia e da teologia da não-violência. Nesta conceptualização a imaginação moral está no centro do entendimento que criar mais justiça e paz é uma arte, não uma ciência. Assim, a imaginação “deve emergir das duras realidades dos assuntos humanos, e falar diretamente a elas também.”⁵ As justiça e as comunidades não-violentas são relacionais. A construção de relações positivas é uma arte e deve ser imaginada antes de iniciarem os esforços de criá-las. Esta é uma alternativa realista à criação de imagens de utopias.

A imaginação moral de Lederach também incorpora uma visão positiva do pessimismo. Este pessimismo “não é uma atitude ruim, uma falta de engajamento, ou amargura levada às últimas conseqüências.”⁶ “Se podemos chegar a respostas simples, e se a complexidade não existe, então como Oliver Wendell Holmes sugere, estas idéias não velem nada.”⁷ Os revolucionários se recusam a aceitar complexidades, e assim também o fazem muitos propositores de utopias. Um rebelde, no entanto, é por definição um pessimista realista. A criação de maior justiça através da rebelião reconhece a complexidade e não imagina ou tenta criar uma utopia.

Ao invés de usar a imaginação para criar a utopia, o mundo pode se tornar mais justo e pacífico se a imaginação é usada para entender a complexidade das relações históricas. Ao olharmos para a questão do conflito e da injustiça neste contexto nos levaria a retornar às culturas indígenas para as quais a violência é definida como uma interrupção na narrativa da vida de uma pessoa, comunidade, e povo.⁸ Para curar esta violência, a imaginação é central, para que ela possa ativar a habilidade de “refazer a narrativa,” isto é, reconectar a narrativa da vida. O sucesso deste esforço é encontrado no fortalecimento das relações, e não no começo de revoluções com o intuito de criar uma utopia.

⁴ Lederach, John Paul. *The Moral Imagination: The Art and Soul of Building Peace*. New York: Oxford University Press, 2005, p. IX.

⁵ Ibid, X.

⁶ Ibid, p. 55.

⁷ Ibid, p. 55.

⁸ Ibid, p. 140.

Cada um de nós deve “exercer” nossa imaginação e compartilhar nossas imagens de uma vizinhança, comunidade, nação e mundo mais pacífico com outros, para que se estabeleça um diálogo. Talvez nos encontremos apoiando rebeliões, mas devemos sempre nos opor a revoluções. Juntar-se à idéia de um espírito revolucionário messiânico que criará uma utopia é falhar em imaginar, como Camus diz, o absurdo da condição humana e da natureza humana. O problema fundamental com a idéia da utopia é que os seus defensores são incapazes de imaginar este absurdo. O entendimento que Lederach tem da necessidade do pessimismo, em contraste, reconhece e oferece um caminho para transcender o absurdo através da imaginação moral.

Parafraseando Hannah Arendt, Lederach diz:

Nós vivemos em um certo paradoxo como seres humanos precisamente porque nós somos seres que vivemos através do significado que as coisas têm para nós. Nosso lugar dado por Deus é este. Nós temos a capacidade de lembrar o passado, mas não temos a capacidade de mudá-lo. Nem mesmo Deus pode mudar o passado. Nós temos a capacidade de imaginar um futuro diferente, mas nós não temos a capacidade de predizê-lo completamente, e muito menos de controlá-lo. Não importa quanto tentemos, ninguém controla o futuro.⁹

Os utópicos, por definição, acreditam que eles não somente podem, mas que são obrigados a controlar o futuro. Os fins justificam os meios para todas as formas de utopias. O mundo definitivamente necessita mais justiça e paz. Nossos esforços para atingir isto deviam estar baseados no que Lederach chamou “a dádiva do pessimismo.”

⁹ Ibid, p. 148.